naturezas imersivas

natureza imersivas

Exposição
23 fevereiro a 25 abril 2021
Porto Alegre I RS

FARÓL
SANTANDER
PORTO ALEGRE

Ministério do Turismo, Santander e Brazimage
apresentam

naturezas imersivas

Katia Maciel

Raquel Kogan

Rejane Cantoni

Ricardo Siri

direção geral
Luciana Farias

curadoria
Daniela Bousso

coordenação educativo
Cristina Barros

patrocínio

organização

realização

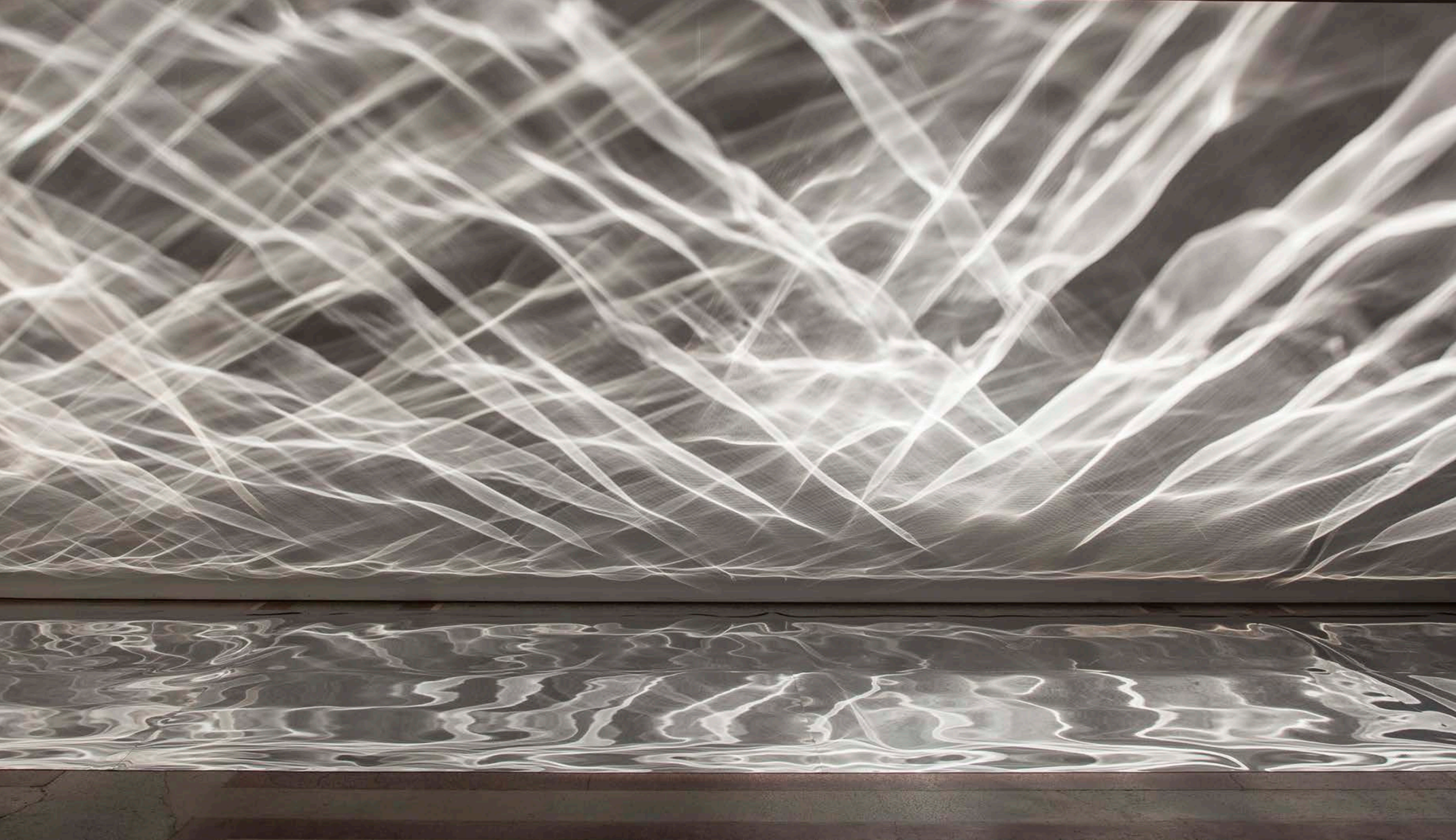
O Farol Santander orgulhosamente apresenta a exposição inédita *Naturezas Imersivas*. Um mergulho em obras de quatro importantes artistas brasileiros: Katia Maciel, Ricardo Siri, Raquel Kogan e Rejane Cantoni.

Apostando na consciência crescente da necessidade de ampliarmos nossa percepção e nos tornarmos agentes da construção de um porvir mais sustentável, *Naturezas Imersivas* é também um convite à experimentação de novas formas de ver, sentir, pensar e perceber nossa relação com o mundo e com o meio ambiente.

Por meio de projetos que aliam grande impacto visual ao potencial reflexivo, o Farol Santander mantém sua missão de entusiasmar, estimular e despertar a curiosidade e a criatividade de um público que cada vez mais busca experiências inusitadas que estejam alinhadas com o presente e, ao mesmo tempo, com a filosofia do Santander pela construção sustentável do futuro.

Boa visita!

Patrícia Audi
Vice-presidente Executiva de Comunicação,
Marketing, Relações Institucionais e Sustentabilidade



sumário

15 Naturezas Imersivas
Daniela Bousso

37 Proposições para mediar Naturezas Imersivas
Cristina Barros

42 Katia Maciel

46 O antropoceno é um alarme

56 Ricardo Siri

60 Exercitando subjetividades coletivas

68 Raquel Kogan e Rejane Cantoni

72 Estamos juntos

80 Expografia

83 Referências

86 Fichas técnicas

A arte é um meio para pensar a construção das novas subjetividades do século 21.

Naturezas Imersivas

Daniela Bousso

A exposição *Naturezas Imersivas* convida a vivenciar obras de artistas que realçam a relação entre natureza e arte como forma de despertar e compartilhar sensibilidades. Nesta mostra, a arte cria a consciência do presente e reflete o desejo de vislumbrarmos um futuro mais verde. Nesse sentido as obras tecnológicas criam ambientes imersivos para nos fazer "reordenar espaços e imaginar outros mundos possíveis"[1], como afirma Krenak.

O que propomos é um passeio pelas obras, que nos permita observar e contemplar em silêncio, ampliar a nossa percepção e nos entregar a essa instância de encantamento que a arte propicia ao redor da natureza.

1 (Krenak, 2019, pg. 32)

Logo antes de adentrarmos na exposição *Naturezas Imersivas*, um poema de Katia Maciel nos chama a atenção:

você esqueceu de ajustar as lentes
estou perdendo a paisagem
toda paisagem é longe
todo longe segue
como ajustar as lentes?
na árvore
na árvore[2]

A árvore, natureza. A floresta é uma casa que nos conecta com os saberes ancestrais e que nos põe em contato com a água, com o ar puro, com a fauna e a flora. *Naturezas Imersivas* lança mais um alerta a respeito das mudanças climáticas e seu impacto sobre a terra, hoje em estágio avançado de destruição ambiental.

2 (Maciel, 2019, pg. 76)

Para lembrar Ailton Krenak, talvez seja a hora de retomarmos o sentido do que ele chama de "casa coletiva". Como afirma o ambientalista-escritor, "nós tínhamos uma casa comum que poderia ter sido cuidada por todos"[3].

As vertentes tecnológicas da arte atual abordam o meio ambiente de diferentes modos, e as invenções artísticas estimulam os debates entre arte e sustentabilidade. Fotografia, vídeo, instalações e também o trabalho com objetos manufaturados estão em pauta. Ao realizarem trabalhos interativos, os artistas envolvem o espectador e promovem a sua participação junto às obras. Nessa via emergem aspectos relativos às novas subjetividades do século 21.

Krenak comenta que precisamos "enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência"[4].

3 (Ibid. Krenak, 2019, pg. 23)
4 (Ibid. Krenak. 2019, pgs. 15-16)

Ricardo Siri
Casulo 01, 2020
escultura
barro, cera, galhos e
pena de galinha
22 x 27 x 32 cm

Ricardo Siri é acolhido nessa proposição do filósofo. Artista sonoro e visual, é capaz de juntar o surreal ao sensório e o primitivo ao tecnológico, nos oferecendo o conceito da "natureza de raiz brasileira", desafio que imprime e agrega o valor da experiência à sua obra em uma condição de informalidade. Instrumentos musicais se juntam a pedras, plumas e cera de abelhas, a qual designa territórios outrora marcados por colonizações extrativistas, entre tacapes e *assemblages*.

Das experiências típicas das linguagens experimentais dos anos 1970 no Brasil ele traz as imersões. Em seus *Ninhos*, herança da dimensão sensorial de Oiticica, reúnem-se os saberes das florestas, entre gramados em que nossos corpos se estendem e o abrigo da trama, tecida pelos galhos das árvores.

Quando envolve o corpo do espectador e evoca os seus sentidos auditivos, táteis e visuais, Siri aciona múltiplas vozes que reverberam a fusão entre arte e vida. Atento aos conceitos de antropoceno o artista está alinhado às tendências atuais, que indicam devires que ecoam "ondas de choque em direção ao passado, (nosso provável

Ricardo Siri

Ninho de João [2020]
escultura
barro, galho e
campana de trompete
14 x 34 x 48 cm

João de Cera [2020]
escultura
casa de joão-de-barro com barro,
cera, galho e campana de trompete
25 x 53 x 17 cm

presente), mas também os possíveis, rizomáticos, caminhos contemporâneos sobre o sentir e o pensar artístico”[5].

Ricardo Siri é meio surrealista nas atitudes, meio conceitual na forma. Homem que cultiva abelhas em seu quintal e convive com *pets* como galinhas, entre outras aves e animais. Sua obra constela a poética da comunicação primitiva num mundo em que prevalece o tecnológico. Trata-se de um músico-visual que transita com a mesma facilidade pelas tecnologias na música, pela artesania no tridimensional e pela performance.

Inscrita sob o signo da transversalidade, sua obra é uma resposta às demandas da contemporaneidade por reivindicar e trazer à mente uma série de “outros mundos possíveis” [6], que exploram outros significados e fogem ao lugar comum.

5 (Fusaro, 2019, pgs. 211-219)
6 (Ibid. Krenak, 2019, pg. 32)

o samba da raiz é algo que se planta com uma árvore
a árvore é algo que se planta com a raiz
a raiz é arvore o samba é raiz
um pé sempre no outro[7]

Aqui me aproprio dos poemas de Katia Maciel, frestas sensíveis para assinalar passagens entre obras, uma pausa para desacelerar e sonhar na exposição.

Katia apresenta dois vídeos e quatro poemas que interligam a mostra. Em *Uma Árvore*, o foco da câmara incide sobre a sua copa que desenvolve movimentos de inspiração e expiração, como um pulmão, em contrações que abrem e fecham, a acompanhar o tempo da respiração da artista.

E, quando ela desloca o tempo por meio de um *loop*, a produção de novas subjetividades também emerge. Em *Pista*, o foco incide sobre um tronco de árvore que desliza em movimento contínuo. A sucessiva distensão e repetição

7 (Ibid. Maciel, 2019, pg. 68)

do *loop* aciona uma circularidade temporal infinita. Para Katia, "o alento de um escape é ancorado pelo imaginário"[8].

Imune a qualquer tentativa de demarcação de fronteiras, ela invoca as palavras, que como o cinema também emitem imagens, implícitas na linguagem. Elas surgem pelas trilhas da ultrapassagem, como modo de refutar o vazio.

Jacques Rancière[9] refere-se ao dissenso como forma de ruptura nos modos de dominação: esse seria um modo de resistir a um dado sistema. Os dois vídeos nos colocam diante do regime ético encetado pelo filósofo. Neles, o dissenso – velado – ocorre, de um lado, pela singularidade operada na linguagem e, de outro, pela autonomia conferida à matéria orgânica. As obras *Pista* e *Uma Árvore*, no limite da crítica social, configuram um campo de forças contrastantes a serem acionadas entre arte, contexto e público.

8 (Dubois, 2020, pgs. 133-150)
9 (Rancière, 2006, pgs. 371-377)

Katia Maciel

Pista [2015]
instalação
330 x 1500 cm

Nessa prática de contextualizar os modos de percepção da arte e de indagar o que os artistas e ela própria entendem por cinema, Katia se vale da tecnologia de modo a provocar novas situações e confrontos, para colocar o espectador em relação com a obra. Daí o questionamento sobre o dispositivo do cinema ser recorrente em seu trabalho.

Ela investiga a forma-cinema tradicional e hegemônica – em que a arquitetura define que o projetor fica atrás da plateia, com a tela projetiva da sala na frente do interlocutor. E, ao fazer poesia e dobrar os versos, ela se lança a um voo livre para operar em perspectiva transversal.

Enquanto escapa das formas dominantes de realização do cinema e assume a poesia como forma de arte, Katia permeia novas narrativas. Tanto no cinema quanto na poesia ela cria imagens-relação, que impulsionam um incessante querer afetar e ser afetado.

plantar não é colher
mesmo que a cova seja funda
que a chuva seja forte
que o vento perdoe
que o sol avise
plantar é esperar
e a espera é plantio[10]

A essa altura a inclusão dos poemas de Katia entre as obras da mostra nos traz o índice da costura, de um sentido ordenador para *Naturezas Imersivas*, como forma de podermos transformar ausências em presenças e de "contar mais uma história"[11], como diz Krenak quando propõe "adiar o fim do mundo".

10 (Ibid. Maciel, 2019, pg. 9)
11 (Ibid. Krenak, 2019, pg. 13)

se falo sempre da água
é porque ela não para
de voltar
bate na porta
e continua
avesso oceano
é todo e
parte[12]

Criada para *Naturezas Imersivas*, *Água 2021* é a nova instalação de Raquel Kogan e Rejane Cantoni, derivada da obra *Água*, de 2010. A obra é um acontecimento sensório-perceptivo que envolve o corpo do espectador. Ela se insere num campo de experiências artísticas e científicas, que remontam a atualizações do pensamento deleuziano, tais como o Realismo Especulativo, de Timothy Morton, movimento teórico que propõe uma virada ontológica no campo da arte contemporânea.

12 (Ibid. Maciel, 2019, pg. 40)

Morton pensa a arte como uma espécie de "carisma" – conceito que emula a partir de influências como as de Walter Benjamin e seu postulado sobre a "aura" da obra de arte – e tangencia fenômenos como força e campo de energia circundante ou inerente à obra. Ele afirma que "... a arte emana de algo invisível, do além, que não podemos controlar, é uma perigosa cintilação causativa, em outras palavras 'magia', que pode ser proibida no mundo científico, mas não na arte"[13]. Para Morton, "...as descobertas de Einstein e da física quântica sobre interações não locais – magia, força, energia, carisma – , atuantes nos objetos de arte, não são conceitos proibidos nem inexistentes, muito pelo contrário"[14].

A obra desperta a ilusão, daí a possibilidade de inserirmos a mesma num campo de leituras que leva em conta a "magia, o carisma e a energia atuantes" nela. Do outro lado, o diálogo com a ciência é o que mais se evidencia nas simulações propiciadas pelo trabalho.

13 (Ibid. Fusaro, 2019, pgs. 213-214)
14 (Ibid. Fusaro, 2019, pgs. 213-214)

A reflexão e a projeção produzidas pela matéria espelhada que constitui o solo de *Água 2021* colocam a luz como elemento central do projeto. Ao caminharmos sobre o espelho simulado do trabalho, a sensação é a de que somos parte da instalação, mesmo nos sentindo um pouco desconcertados.

É que na dramaturgia espacial da obra ocorre uma desconexão entre dois tempos: o tempo do percurso pela longitude do trabalho e o tempo da experiência estética. Nessa tensão entre temporalidades, surge um campo de relações transversais e complexas, no qual o sentido da obra será completado por cada participante.

A instalação, em sua experiência primeira, na acepção de Pierce, emana diferentes sensações em cada receptor. Uma vez que cada participante traz consigo o seu fardo ou a sua leveza, resgata-se em cada pessoa os diferentes padrões de experiência que envolvem o líquido.

A temperatura dos materiais da obra, inferior à do ambiente, reproduz a sensação de estarmos caminhando

à beira-mar, ao passo que, visualmente, tem-se a impressão de estarmos imersos sob a água de uma piscina, olhando para cima.

Em um segundo lance de apreensões, o diálogo é com a arquitetura, com o lugar, ponto de comunicação em que as pessoas liquefazem o espaço enquanto se deslocam pela instalação. Os lugares têm a sua arquitetura multiplicada porque o espelhamento rebate paredes, tetos e por vezes o céu.

Em cada local em que esse *site specific* é construído, novas camadas e sentidos se agregam. Cada montagem traz nova ficção e gera vibrações renovadas. Em cada existência, em cada individualidade, recria-se o mundo e celebra-se o amor e a vida.

Assim como a arte, o texto curatorial, posto que processo de criação, é sempre obra inacabada. Outras versões podem surgir à medida em que a exposição for experienciada em seu conjunto. Só para falar de arte, vale aqui reafirmar a fala de Krenak: "cantar, dançar

e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial"[15].

E a arte? A arte também é isso. Ela é um meio para se pensar a construção de subjetividades sociais, estéticas e poéticas.

15 (Ibid. Krenak, 2019, pg. 15)

material educativo

Expandir as relações com a exposição

Proposições para mediar Naturezas Imersivas

Cristina Barros

Com o objetivo de ampliarmos as reflexões críticas estimuladas pelo contato com os trabalhos artísticos da exposição *Naturezas Imersivas*, preparamos algumas proposições, voltadas para professores(as), educadores(as) e mediadores(as), que podem ser entendidas como dispositivos para iniciarmos conversas.

Compreendendo que as obras de Katia Maciel, Ricardo Siri, Raquel Kogan e Rejane Cantoni possibilitam uma infinitude de leituras, sobretudo quando postas em relação, nossa intenção aqui é colaborar no desenvolvimento de ações educativas que impulsionem discussões. Faremos isso a partir do campo da arte e das relações e experiências com as naturezas que nos são apresentadas na mostra.

Sugestões para a mediação

Visite a exposição *Naturezas Imersivas*, física ou virtualmente, e conheça os trabalhos artísticos que a compõem. Registre as percepções, as dúvidas e os interesses que surgiram a partir dessa experiência.

Conheça esse material e se aproprie dele como uma ferramenta de apoio: além de proposições educativas, ele também apresenta as obras e os conteúdos teóricos sobre a exposição.

Observe quais conceitos teóricos e/ou obras podem ser mais interessantes para você e para os grupos com os quais você realizará mediações. Desenvolva pesquisas mais específicas sobre esses conceitos e obras — isso poderá ajudar você a se sentir mais seguro(a) durante as conversas com os grupos.

A mediação é um encontro. Exercite o diálogo plurilateral e seus momentos de fala e escuta.

Na realização da atividade, deixe de lado o modelo "passo a passo": observe o que desperta os interesses da coletividade que está diante de você e incorpore o que for possível ao debate.

Desenvolva o hábito de produzir relatos sobre as suas mediações. Esses registros são importantes para que você avalie suas práticas, experimente abordagens diferentes e até mesmo recrie experiências positivas com outros grupos.

3 proposições educativas para expandir a exposição

naturezas imersivas

O antropoceno é um alarme

Exercitando subjetividades coletivas

Estamos juntos

Katia Maciel
Uma Árvore [2009]
videoinstalação
5' (*loop*)
330 x 640 cm

Katia apresenta dois vídeos e quatro poemas que interligam a mostra. Em *Uma Árvore*, o foco da câmara incide sobre a sua copa que desenvolve movimentos de inspiração e expiração, como um pulmão, em contrações que abrem e fecham, a acompanhar o tempo da respiração da artista.

Daniela Bousso. *Naturezas Imersivas*, 2021, p.22.

Katia Maciel [Rio de Janeiro, 1963]

É artista, poeta e professora titular da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Formada em História na PUC-RJ, possui mestrado em Cinema e História na EHESS em Paris, doutorado na UFRJ e três pós-doutorados: UWalles, USP, NYU. Seus trabalhos estiveram em exposições individuais e coletivas em museus e galerias no Brasil e no exterior. Recebeu, entre outros, os prêmios Honra ao Mérito Arte e Patrimônio (2013), Funarte (2010), Rumos Itaú Cultural (2009), Sérgio Motta (2005) e Transmídia Itaú Cultural (2002). Publicou vários livros no campo do cinema e das artes visuais, entre eles *Transcinemas* e *A Ideia de Cinema na Arte Contemporânea Brasileira*, e quatro livros de poemas, entre eles, *Plantio*. Em 2018, a editora Cobogó publicou *Katia Maciel*, uma antologia com a obra da artista.

O antropoceno é um alarme

O termo antropoceno, proposto em 1980 pelo biólogo americano Eugene F. Stoermer e divulgado popularmente no ano 2000 pelo químico holandês Paul Crutzen, designa uma nova era geológica sobre a Terra e define os tempos atuais como adversos ao meio ambiente, em função dos atos humanos.

As grandes causadoras de danos ecológicos e sociais seriam as corporações industriais e as ações de caráter desenvolvimentista não sustentáveis. O tema tem se tornado cada vez mais central nos debates que orientam políticas a serem adotadas em relação aos impactos causados pelas transformações ambientais e também mobilizado a atenção de vários artistas e curadores.

Em congresso na Noruega há cerca de cinvo anos, Stephen Hawking assinalou que deveríamos deixar a terra em 30 anos.* O físico afirmou que a destruição da Terra por asteroides é um fato — bem como o excesso demográfico e as temperaturas elevadas o são — e que o fim do Planeta é só uma questão de tempo. Para Hawking, seria crucial iniciarmos a criação de colônias em Marte e na Lua, levando plantas, animais, fungos e insetos para o limiar de um novo mundo.

[Daniela Bousso, 2021]

* Humanidade poderá ser extinta em 30 anos, diz Stephen Hawking. Jornal *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 jun. 2017. Disponível em: https://oglobo.globo.com/sociedade/humanidade-podera-ser-extinta-em-30-anos-diz-stephen-hawking-21498717

out of focus

você esqueceu de ajustar as lentes
estou perdendo a paisagem
toda paisagem é longe
todo longe segue
como ajustar as lentes?
na árvore
na árvore

Katia Maciel, *Plantio*, p.76.

A conclusão ou compreensão de que estamos vivendo uma era que pode ser identificada como antropoceno deveria soar como um alarme nas nossas cabeças. Porque, se nós imprimimos no planeta Terra uma marca tão pesada que até caracteriza uma era, que pode permanecer mesmo depois de já não estarmos aqui, pois estamos exaurindo as fontes da vida que nos possibilitaram prosperar e sentir que estávamos em casa, sentir até, em alguns períodos, que tínhamos uma casa comum que podia ser cuidada por todos, é por estarmos mais uma vez diante do dilema a que já aludi: excluímos da vida, localmente, as formas de organização que não estão integradas ao mundo da mercadoria, pondo em risco todas as outras formas de viver — pelo menos as que fomos animados a pensar como possíveis, em que havia corresponsabilidade com os lugares onde vivemos e o respeito pelo direito à vida dos seres, e não só dessa abstração que nos permitimos constituir como uma humanidade, que exclui todas as outras e todos os outros seres.

Ailton Krenak, *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, p.23.

Proposição 1

O antropoceno é um alarme

Se tomarmos o antropoceno como alerta, como nos sugere Krenak, a urgência de ajustarmos nossas lentes para ver a paisagem, como propõe Katia Maciel em seu poema, torna-se iminente. Reordenar e retomar nossas relações com os demais seres vivos e elementos da natureza é, hoje, parte de um processo de entendimento de nós mesmos, humanos, como parte da natureza, admitindo que cada parte do nosso corpo físico, e também do espiritual, é natureza, a começar pelos 70% de água que constituem nosso organismo.

Então, como ajustar as lentes?

Katia Maciel nos responde em seu poema e também em um de seus trabalhos expostos na mostra *Naturezas Imersivas*: na árvore.

Observe a videoinstalação *Uma Árvore* [2009], com seu grupo.

Quais atravessamentos, relações, existem entre os corpos que observam o vídeo e a árvore que nele é apresentada?

Proponha aos integrantes que tapem seus ouvidos com as mãos e prestem atenção em suas respirações, no som que o corpo produz ao inspirar e ao expirar o ar.

Há alguma semelhança com o movimento da árvore de Maciel?

Além disso, há mais alguma característica na árvore que também nos constitui? Ou alguma característica nossa que possa constituir a árvore?

Realize uma discussão que possa colocar em perspectiva as relações que os integrantes têm com a natureza de seus corpos e das paisagens e espaços que os circundam.

O que eles sugerem para retomar ou fortalecer essas relações?

O que sugerem como possíveis movimentos para se sentirem mais integrados à natureza enquanto humanos?

A arte é, para eles, uma possibilidade de aproximação?

SAÍDA

Ricardo Siri
Ninho [2021]
instalação
galhos, troncos e cipós
dimensões variáveis

Quando envolve o corpo do espectador e evoca os seus sentidos auditivos, táteis e visuais, Siri aciona múltiplas vozes que reverberam a fusão entre arte e vida. Atento aos conceitos de antropoceno, o artista está alinhado às tendências atuais, que indicam devires que ecoam "ondas de choque em direção ao passado, (nosso provável presente), mas também os possíveis, rizomáticos, caminhos contemporâneos sobre o sentir e o pensar artístico".

Daniela Bousso. *Naturezas Imersivas*, 2021, p.19

Ricardo Siri [Rio de Janeiro, 1974]

Artista sonoro e visual, transita entre escultura, performance, instalação, fotografia e vídeo. Artista múltiplo, é dono de uma estética com elementos que vão do surrealismo ao neoconcretismo e arte imersiva. Sua obra une arte e vida, onde sons e objetos são carregados de conceito, forma, experiência e sonoridade. Percussionista formado na Los Angeles Music Academy (EUA), em 2007 adentrou no universo das artes visuais, incorporando na sua poética elementos de sua experiência musical combinados a materiais orgânicos e do cotidiano.

Exercitando subjetividades coletivas

pé ante pé

uma árvore pode ser três
uma sobe
outra desce
e a terceira
caminha
entre as outras

Katia Maciel, *Plantio*, p.15.

E nós criamos essa abstração de unidade, o homem como medida das coisas, e saímos por aí atropelando tudo, num convencimento geral até que todos aceitem que existe uma humanidade com a qual se identificam, agindo no mundo à nossa disposição, pegando o que a gente quiser.

Esse contato com outra possibilidade implica escutar, sentir, cheirar, inspirar, expirar aquelas camadas do que ficou fora da gente como "natureza", mas que por alguma razão ainda se confundem com ela.

Tem alguma coisa dessas camadas que é quase-humana: uma camada identificada por nós que está sumindo, que está sendo exterminada da interface de humanos muito-humanos. Os quase-humanos são milhares de pessoas que insistem em ficar fora dessa dança civilizada, da técnica, do controle do Planeta. E por dançar uma coreografia estranha são tirados de cena por epidemias, pobreza, fome, violência dirigida.

Ailton Krenak, *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, p.33.

Proposição 2

Exercitando subjetividades coletivas

Exercitar subjetividades coletivas requer outras formas de contato, que coloquem em perspectiva nossas práticas e relações com os ecossistemas. Nós não somos todos iguais, mas nós podemos desenvolver subjetividades conjuntamente e, ainda assim, respeitar as individualidades e vivências que nos compõem.

A produção artística de Ricardo Siri, em uma completa diluição das fronteiras entre arte e vida, aponta para um movimento de retomada e respeito à natureza que o constitui e circunda.

A instalação *Ninho* [2018] surge por meio do convívio de Siri com os pássaros que habitam seu quintal. Ao observar os esforços técnicos empreendidos na construção de seus ninhos, o artista apreende suas técnicas de encaixe e sustentação e, então, se apropria delas na elaboração do próprio ninho.

Observe a instalação *Ninho* [2021], com seu grupo.

Inicialmente, o que desperta curiosidade nos integrantes?

O que é um ninho para eles? É um abrigo? Uma casa? Uma biblioteca? Um escritório?

Para quem está no espaço expositivo:

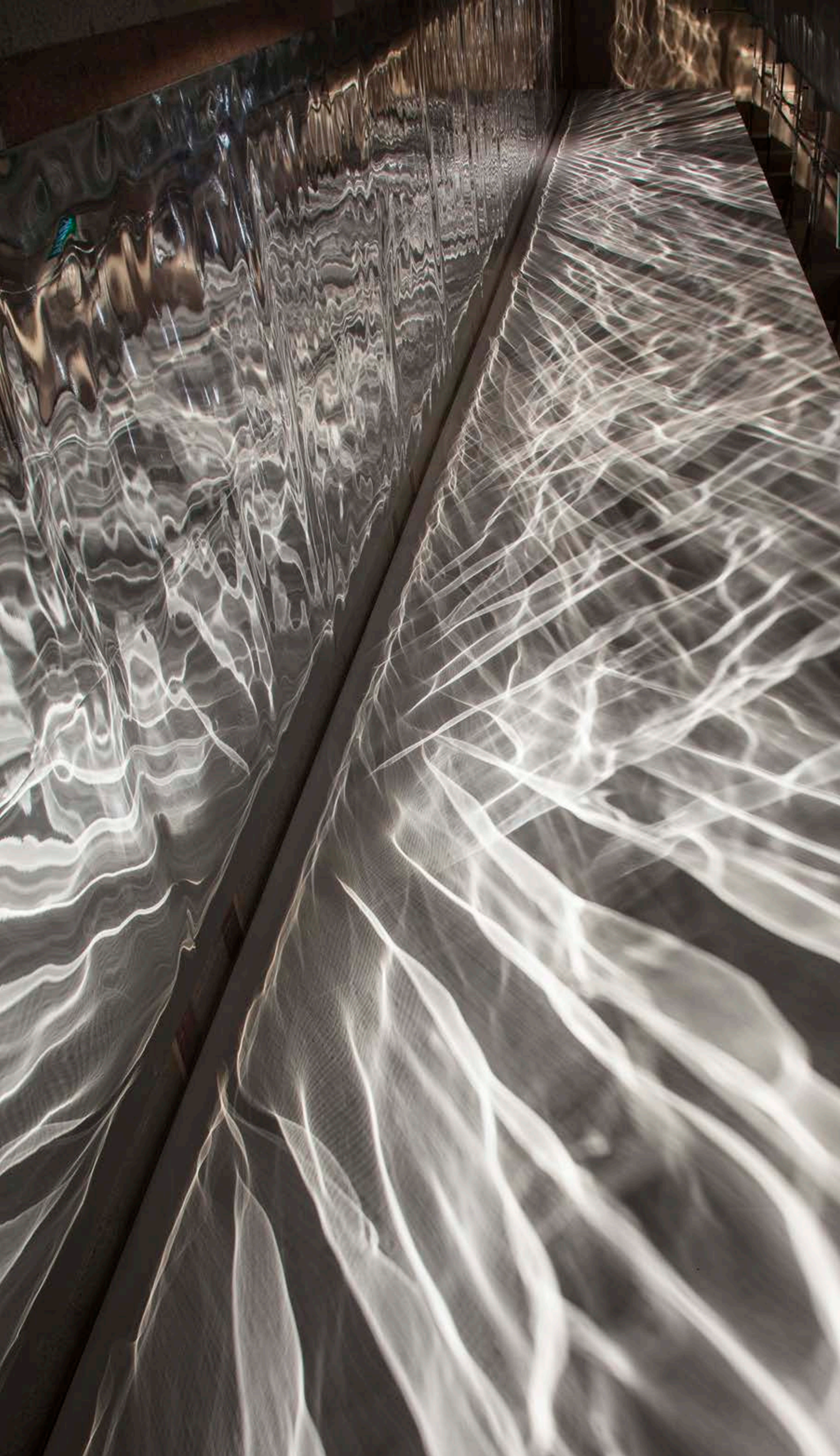
O ninho causa algum estranhamento?

Ele causa atração ou repulsa? Ele nos acolhe, protege ou amedronta?

Quais sensações sua estrutura, cheiro, gramado e sonoridade estimulam em nossos corpos?

Se ele pudesse ser levado para outro lugar, outro contexto, para onde seria?

Exercite a subjetividade coletiva do seu grupo: proponha aos integrantes um exercício de escrita de poemas ou músicas a partir da frase estamos no ninho. Reserve um momento para que essas escritas possam ser compartilhadas, ouvidas e acolhidas.



Raquel Kogan e **Rejane Cantoni**
Água 2021 [2021]
instalação *site specific*
3175 x 244 cm

Leonardo Crescenti
(em tributo)

A reflexão e a projeção produzidas pela matéria espelhada que constitui o solo de *Água 2021* colocam a luz como elemento central do projeto. Ao caminharmos sobre o espelho simulado do trabalho, a sensação é a de que somos parte da instalação, mesmo nos sentindo um pouco desconcertados. É que na dramaturgia espacial da obra ocorre uma desconexão entre dois tempos: o tempo do percurso pela longitude do trabalho e o tempo da experiência estética. Nessa tensão entre temporalidades surge um campo de relações transversais e complexas, no qual o sentido da obra será completado por cada participante.

Daniela Bousso. *Naturezas Imersivas*, 2021, p.31.

Raquel Kogan [São Paulo, 1955]

É formada em arquitetura, faz videoinstalações, instalações sonoras e vídeo-objetos, como *reflexão#1* no Transmídia Itaú Cultural; *reflexão#2* no Centro de Arte e Mídia ZKM; *Artistas & Robôs* no Grand Palais; *reflexão#3* no art@outsiders Museu Europeu de Fotografia Paris; *reler* na 4ª Bienal de Arte Tecnologia Emoção Art.ficial e na XX Bienal Internacional de Curitiba, com menção honrosa no FILE Prix Lux 2010. No The Creators Project e no Interplay ZKM Singapura faz a instalação interativa *o.lhar. Já evol.ver* foi montada no Espaço Cultural Porto Seguro na exposição *Tempo Presente*. Apresenta *falante* para a 8ª Mostra 3M de Arte.

Rejane Cantoni [São Paulo, 1959]

É artista. Expôs em inúmeras instituições de arte em todo o mundo. É membro da Interplanetary Initiative, Arizona State University. Possui dois pós-doutorados em Artes pela Universidade de São Paulo. Doutora e mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade de São Paulo e mestre do Programa de Estudos Superiores das Tecnologias da Informação da Universidade de Genebra. Antes de se tornar artista independente, foi vice-diretora e professora da Faculdade de Matemática, Física e Tecnologia da Universidade Católica de São Paulo.

Estamos juntos

resvalo

se falo sempre da água
é porque ela não para
de voltar
bate na porta
e continua
avesso oceano
é todo e
parte

Katia Maciel, *Plantio*, p.43.

Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial.

É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que esse tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades — as nossas subjetividades. Então vamos vivê-las com a liberdade que formos capazes de inventar, não botar ela no mercado. Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência.

Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações.

Ailton Krenak, *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, p.15.

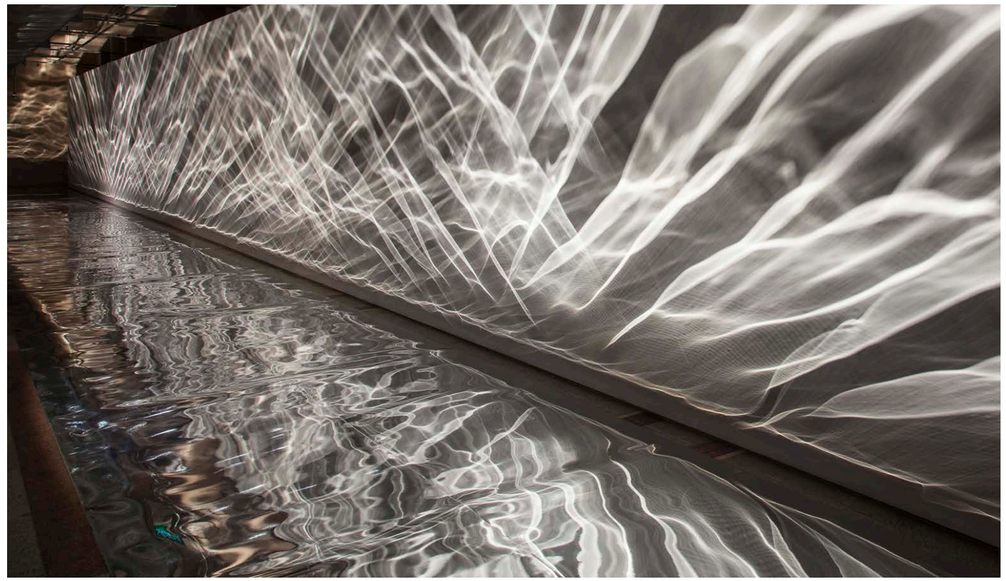
Proposição 3

Estamos juntos

"Estar junto" é sobre afetar e ser afetado; é sobre as constelações que ao refletirem no oceano também imergem nele, integram-se a ele, o constituem. "Estar junto" não é, então, sobre estar com muitos, mas é sobre agir coletivamente, compreendendo os efeitos disso na existência de todos.

Água 2021 [2021], de Raquel Kogan e Rejane Cantoni, é sobre afetar e ser afetado. Nossos corpos e movimentos, em contato com o grande espelho de observação flexível da obra, afetam e alteram constantemente o reflexo da imagem que se projeta a partir dele. A ilusão líquida, por sua vez, nos afeta, nos imerge em sua arquitetura de luz. Em *Água* somos oceanos e constelações. Em *Água* estamos juntos.

Observe a instalação *Água 2021* [2021] com seu grupo.



Em um primeiro contato, quais sensações ou memórias o trabalho desperta neles?

As águas que eles conhecem — do rio, do oceano, da cachoeira, da casa... — acolhem seus corpos? Ou os amedrontam?

Quem tem medo da água tem medo por quê?

Como eles definiriam a imensidão? E como definiriam a sensação de estarem imersos?

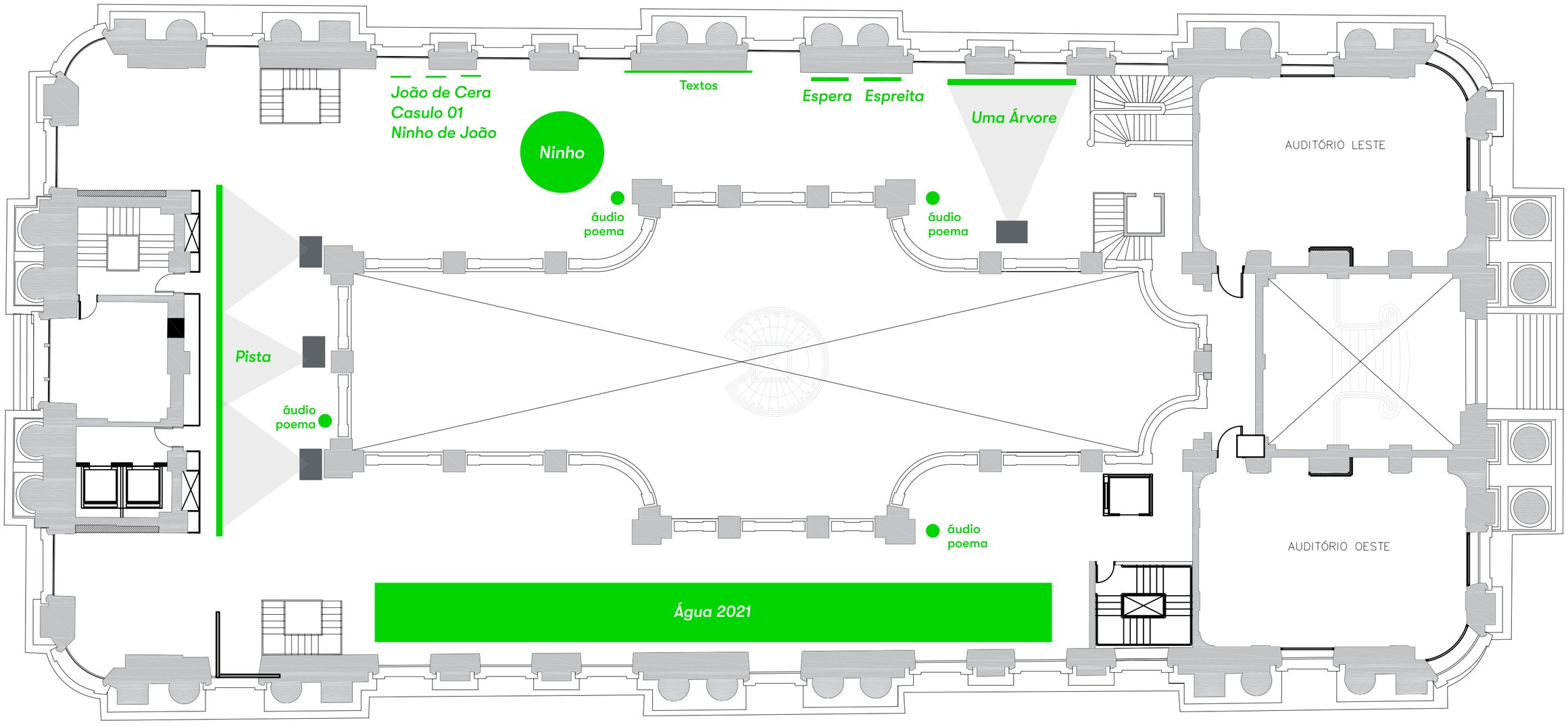
Realize com os integrantes uma discussão sobre suas relações com a água.

Ela afeta inteiramente nossas vidas — está em tudo, em todos: como nossas ações individuais têm afetado nossas relações coletivas com ela?

A resposta para essa pergunta pode estar na instalação de Raquel Kogan e Rejane Cantoni. Proponha ao grupo que formule suas respostas a partir de seu encontro com a obra.

Expografia

Mezanino
Farol Santander Porto Alegre



referências

textos

DUBOIS, Philippe. *The Flux-Image*. In: SOMAINI, Antonio; GRIGNARD, Éline; REBECCHI, Marie. *Time Machine: cinematic temporalities*. 1ª ed. Itália: Skira editore, 2020.

FUSARO, Marcia. *Realismo Especulativo vs. Deleuzianismo. Reflexões sobre Arte*. In: SANTAELLA, Lucia (Org.). *Desafios Humanos no Contemporâneo*. 1ª ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018.

JOHAS, Regina. *Arte na Era do Antropoceno*. Revista Arteriais (PPGARTES-UFPA), Pará, v. 4, n. 6, p. 142-149, 2018. DOI <http://dx.doi.org/10.18542/arteriais.v4i6.5968>.

KRENAK, Ailton. *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. *O Amanhã Não Está à Venda*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

_____. *A Vida Não é Útil*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LADDAGA, Reinaldo. *Estética da Emergência: a formação de outra cultura nas artes*. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

MACIEL, Katia. *Plantio*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2019.

MARTINS, Milene Rodrigues. *Histórias Hipotéticas sobre Começos e Fins de Mundo*. In: *Cosmologia e Incerteza*, publicação educativa da 32ª Bienal de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016.

NUNES, Rodrigo. *Da Medida da Incerteza à Incerteza da Medida*. In: *Ecologia e Incerteza*, publicação educativa da 32ª Bienal de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016.

POLICARPO, Clayton; BASTOS, Marcus. *O Artivismo e as Novas Subjetividades Políticas na Arte Contemporânea*. In: SANTAELLA, Lucia (Org.). *Desafios Humanos no Contemporâneo*. 1ª ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018.

RANCIÈRE, Jacques. *O Dissenso*. In: NOVAES, Adauto (Org.). *A Crise da Razão*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *O Espectador Emancipado*. 1ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

Humanidade poderá ser extinta em 30 anos, diz Stephen Hawking. Jornal O Globo, Rio de Janeiro, 20 jun. 2017. Disponível em: https://oglobo.globo.com/sociedade/humanidade-podera-ser-extinta-em-30-anos-diz-stephen-hawking-21498717

documentário

O Começo da Vida 2 – Lá Fora. Direção: Renata Terra. São Paulo: Maria Farinha Filmes, 2020. Disponível em: https://ocomecodavida2.com.br

podcast

Águas de Kalunga. Podcast do Museu de Arte do Rio (MAR). 1° Episódio – Águas de Kalunga, por Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: MAR, 2019. Disponível em: https://www.podomatic.com/podcasts/museudeartedorio/episodes/2019-11-11T06_51_34-08_00

curadora

Daniela Bousso

Doutora em Comunicações e Artes pela PUC-SP, é curadora, crítica de artes visuais, docente e dirigente cultural. Organizou mais de 500 eventos artísticos ao longo da sua trajetória, tais como simpósios, exposições, festivais, prêmios, documentação de acervos museológicos, editais públicos, registros audiovisuais e publicações. Sua atuação é voltada à pesquisa em artes visuais e à criação e articulação de curadorias e projetos para arte e cultura contemporâneas. Colabora com o Canal Contemporâneo e com a Revista Select.

coordenadora educativa

Cristina Barros

Graduanda em História da Arte pela UFRGS, é pesquisadora, educadora e possui experiência com curadoria em artes visuais. Em 2020 integrou a equipe do Programa Educativo da Bienal 12 do Mercosul e foi coordenadora geral do material educativo da mostra. Entre 2018 e 2020 foi integrante do Núcleo Educativo e de Programa Público do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS. É uma das idealizadoras do projeto Mulheres nos Acervos e membro da Red-LEHA (Red Latinoamericana de Estudiantes de Historia del Arte). Vive e trabalha a partir de Porto Alegre (RS).

Santander Brasil

Presidente
Sérgio Rial

Vice-presidente Executiva
de Comunicação, Marketing,
Relações Institucionais e Sustentabilidade
Patrícia Audi

Superintendente Executiva
de Eventos, Patrocínios e Cultura
Bibiana Berg

Coordenador Geral
Faróis Santander São Paulo e Porto Alegre
e Coleção Santander Brasil
Carlos Trevi

Farol Santander Porto Alegre

Coordenador
André Severo

Analista de Marketing
Daniel Cardoso Vitt

Analista de Facilities Gestão Predial
Francielle Prestes Bueno

Supervisor de Bilheteria
TTRS Serviços S.A. (Sympla)
Patrezi Carvalho da Silva

Supervisor de Segurança
Guarded Place Segurança
& Vigilância Ltda.
Gustavo Nery Duzac

Coordenador de Contrato
Manserv Facilities Ltda.
Célio Biava

Supervisor de Facilities
Manserv Facilities Ltda.
Tiago Machado Diemer

Líder de Serviços
Manserv Facilities Ltda.
Francielle Braga Nogueira Stefanelli

Naturezas Imersivas

exposição

Organização
Brazimage

Direção Geral
Luciana Farias

Curadoria
Daniela Bousso

Artistas
Katia Maciel
Raquel Kogan
Rejane Cantoni
Ricardo Siri

Coordenação de Produção
Nelson Azevedo

Coordenação Educativa
Cristina Barros

Educadoras
Aline Zimmer
Rairaa Noal

Identidade Visual
Adriana Tazima

Gestão Financeira
Mariane Goldberg

Revisão e Tradução
Ana Neiva
Ricardo Romanoff

Montagem
Alexandre Moreira
Luiz Pedro Moreira
Marcelo Moreira
Nelson Rosa

Visita Virtual
Kolor 360°

Fotografia
Leopoldo Plentz

Laudos
Pantheon Patrimônio
e Cultura

Seguro
Affinité

Equipamentos
MAXI Áudio Luz
Imagem

Transporte
Thiago Odria
3f carrier

publicação

Projeto Editorial
Daniela Bousso
Cristina Barros
Luciana Farias

Texto Crítico
Daniela Bousso

Texto Educativo
Cristina Barros

Projeto Gráfico
Adriana Tazima

Revisão Textos
Ana Neiva

Tradução Textos
Ricardo Romanoff

Crédito imagens
Deborah Engel: p.18 e 20.
Leandro Pimentel: p.42-43.
Raquel Kogan e Rejane
Cantoni: p.76 e capa.

Agradecimentos
Janaína Torres Galeria
Adriana Boff [SMC-PMPA]
Márcia Orantas e
Eduardo Brose [DMLU-PMPA]

Lei de Incentivo à CULTURA

patrocínio

Santander

organização

BRAZIMAGE

realização

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO

PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL